



**SÓ ME CALAREI
PARA TE AMAR MAIS**
CARTAS A AMÉLIA BENTO

**António
José Forte**

ORGANIZAÇÃO,
PREFÁCIO E NOTAS

ANTÓNIO
CÂNDIDO FRANCO

ANTÍGONA

TÍTULO

Só me calarei para te amar mais – Cartas a Amélia Bento

AUTOR

António José Forte

ORGANIZAÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS

António Cândido Franco

TRANSCRIÇÃO

Mara Rosa

REVISÃO

Ester Cortegano

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Carolina Celas

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2021, Antígona e herdeiras de António José Forte

1.^a EDIÇÃO Julho 2021

DL 485703/21

ISBN 978-972-608-401-3

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.antigona.pt

PREFÁCIO

ANTÓNIO JOSÉ FORTE E A EPISTOLOGRAFIA

António José Forte (1931-1988) estreou-se tarde — o seu primeiro poema em letra redonda passa por ser aquele que publicou no número 2 da revista *Pirâmide* (1959) — e só em 1960 publicou o primeiro opúsculo, *40 Noites de Insónia de Fogo de Dentes Numa Girândola Implacável e Outros Poemas*, numa colecção de Mário Cesariny, «A Antologia em 1958», que publicou também entre 1958 e 1963 Virgílio Martinho, Luiz Pacheco, Francisco Sousa Neves, Natália Correia, Pedro Oom, António Maria Lisboa, Jean Schuster e Gérard Legrand — estes em tradução de Luiz Pacheco, num folheto comum aos dois, *A Arte perante o Seu Destino Revolucionário*.

Foi preciso depois esperar mais de vinte anos para Forte voltar a publicar um livro de poesia, *Uma Faca nos Dentes* (1983), com prefácio de Herberto Helder. Entretanto, publicara uma veemente saudação poética à insurreição parisiense de 1968 no número único da colectânea *Grifo* (1970), um livro para a sua filha Gisela Bento Forte, *Uma Rosa na Tromba de Um Elefante* (1971) — este publicado por Fernando Ribeiro de Mello numa colecção infantil da Afrodite (e reeditado em 2018 pela Orfeu Negro) —, e um folheto em Maio de 1982, *Teses sobre a Visita do Papa*, em edição de autor.

O prefácio de Herberto Helder no livro de 1983, vendo Forte como poeta inspirado e único, com tradição própria, sem dívidas de epígono, contribuiu muito para a consagração do autor junto duma geração mais nova, em que se destacou Rui Martiniano, o novel editor da Hiena, que o tomou

como um dos últimos grandes poetas das décadas anteriores ao lado de Herberto, de Manuel de Castro, de Ernesto Sampaio e duns tantos mais.

A publicação em 1985 da antologia poética *Edoi Lelia Doura*, convocando Forte, reforçou a percepção e justificou talvez que nos poucos anos que ainda viveu — faleceu em Dezembro de 1988 — tenha publicado quase tanto como em todos os anos anteriores. Entre 1983 e 1988 publicou os seguintes títulos: *Azuliente* (1984), *Dia a Dia Amante* (1986), *Caligrafia Ardente* (1987) — *Corpo de Ninguém* (1989) saiu já póstumo, ainda pela mão de Rui Martiniano, que lhe publicara já os livros de 1986 e 1987.

Com responsabilidade de Zetho Cunha Gonçalves, saiu em 2003 *Uma Faca nos Dentes*, que retoma o título do livro dado a lume vinte anos antes e que pela recolha dos dispersos, pela anotação cirúrgica das peças e das partes, pode fazer jus ao subtítulo com que se apresentou, *Obra Poética Completa*. Assim foi tomado a partir daí, com uma fortuna editorial nada desprezível — embora haja textos que lá não constem, como «O meu direito à indignação», publicado no jornal *O Ponto* (20-5-1982), e as informações prestadas nem sempre estejam completas, como a referente ao «Texto enviado às comemorações “100 anos de anarquismo em Portugal”», que foi de feito publicado em letra redonda na revista *A Ideia* (n.º 51/52, Maio, 1989) e não apenas lido nas referidas comemorações.

Em 2008 surgiu a tradução do volume para língua francesa por mão de Alfredo Fernandes e de Guy Girard, com uma apresentação do primeiro a completar o prefácio de Herberto de 1983. Em 2017 o volume era de novo reeditado em Portugal pela Antígona e em 2019 surgiu a tradução para castelhano por mão de Isabel Gómez Rodríguez, uma filóloga das línguas hispánicas, e Eugenio Castro — volume que

Inclui o prefácio de Herberto e a nova contextualização de Alfredo Fernandes.

Não nos parece que a fortuna editorial da poesia de António José Forte vá parar. Outras traduções vão surgir e outras edições locais irão substituir a disponível. Forte nunca será um poeta esgotado. Trata-se dum poeta invulgarmente coeso, que deixou uma obra breve mas pontuada de sinais vivos e imperecíveis — e não tanto pelo fogo-de-artifício da arte, que lhe foi quase indiferente, embora tivesse à disposição talento bastante para fazer dele em qualquer lugar um escritor de prestígio, mas pela potência ingénita do sopro. O que é admirável no seu verbo é a força de imprecação, a destemperada fúria da voz, a altivez do tom profético e apocalíptico — a denúncia e o combate.

A sua poesia entronca numa tradição política revolucionária de esquerda que remonta a Guilherme Braga, a Guerra Junqueiro e a Gomes Leal — é ele o único poeta da segunda metade do século xx que deles descende em linha directa, e nesse sentido importa explorar as ligações que teve a princípio, na década de 50 e início da seguinte, com a dissidência trotskista (posição política do surrealismo na década de 30), mais tarde, em 1966/67, com o situacionismo de Debord e Vaneigem, e, por fim, no diálogo com os trabalhos de Carlos da Fonseca, seu amigo próximo, com a tradição libertária, a que se manteve fiel até ao final, como se vê na homenagem aos «100 anos de anarquismo» escrita um ano antes da morte — mas ao invés de Junqueiro e de Leal, manteve a firmeza e o timbre sem nunca transigir com as exigências do princípio da realidade e sem adoptar a ordem clássica do verso. É um poeta bárbaro, colérico, e que bárbaro ficou. Foi ele o primeiro poeta português que preto no branco escreveu que a *língua portuguesa não é a minha pátria*. Viu no

princípio a negação mesma do princípio — uma forma sublimada de aventura da qual não mais abdicou.

É por isso que Forte é um poeta indelével, nunca exaurido, sempre renovado e de fortuna editorial garantida. Haverá sempre alguém empenhado em reeditar e em manter viva esta experiência capital da poesia — como haverá sempre uma língua estranha e distante interessada em recriar a sua forma única de dar voz à rebeldia.

A epistolografia que hoje se conhece de António José Forte é pouca e dispersa. Não damos notícia de qualquer livro de cartas do autor — ou mesmo de qualquer epistolário seu completo. Tudo o que temos dele são cartas soltas publicadas ou em livro, como as que o seu companheiro e amigo Luiz Pacheco dele publicou nesse folhetim epistolográfico duma geração, ou dum momento dela, o *Pacheco versus Cesariny* (1974), ou em revista, como as que *A Ideia* deu a conhecer em 2015, nos 40 anos da publicação, a propósito das comemorações dos 100 anos de anarquismo em Portugal.

Embora lateralmente, assinala-se ainda a edição da correspondência de Luiz Pacheco para António José Forte, da competentíssima responsabilidade de Bernardo Sá Nogueira, *Mano Forte* (2002), e que abarca um período decisivo da vida dos dois — 1961-1966. Foi nesse período que Pacheco editou em Vieira do Minho, onde Forte dirigia uma biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, o postal contra João Gaspar Simões; foi nele que escreveu numa pensão de Braga, a pensão Oliveira, depois de se despedir de Forte e do motorista do furgão da biblioteca itinerante, *O Libertino Passaia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor* e foi nele ainda que escreveu e publicou a expensas de Forte, no final de 1964,

numa tipografia de Santarém, para onde o amigo se mudara, depois de breve passagem por Portalegre entre o final de Outubro e o início de Dezembro de 1961, o panfleto *O Cachecol do Artista*.

Embora quatro missivas de Forte de 1965 surjam publicadas no *Pacheco versus Cesariny*, as restantes cartas deste período do poeta de *Azuliente*, que as houve com certeza, extravariaram-se, o que é compreensível sabendo o que foi na época a vida do destinatário, Luiz Pacheco, mudando seis ou sete vezes de morada, dormindo em escadas e jardins, fugindo à polícia, desfazendo-se de espólios e do recheio de várias casas. Embora as cartas de Forte completassem o conjunto, ele é já de si ilustre pelo que dá a ver dos bastidores duma época que foi a da primeira afirmação como escritor de Luiz Pacheco, que só no segundo semestre de 1959 rescindiu o contrato de funcionário público e só a partir desse momento se decidiu dedicar em exclusivo à escrita e suas adjacências — tradução, edição, revisão e jornalismo.

Surgiu há pouco a ocasião de consultarmos a correspondência que António José Forte enviou a Amélia Bento (1928-2020) entre 1959 e 1967. São cento e uma peças (entre cartas e postais), a que se acrescentam nove peças enviadas a Gisela Marta, filha de ambos e proprietária hoje do conjunto, que se encontra em bom estado, preservado numa pasta plastificada de arquivo e beneficiado que foi por suportes sólidos, de qualidade, embora hoje um pouco deliados e aqui e ali com algumas manchas, e por uma caligrafia segura e regular, resultante de caneta de aparo de tinta azul e, depois de 18/19 de Julho de 1960, de esferográfica azul ou preta. *Caligrafia Ardente* se chama um livro dele. Pelo poeta, pela natureza das cartas, pela exaltação da paixão, pelo relato e pela história que aí se desenha, da maior importância para se dar ou começar a dar uma biografia a um poeta que

até hoje não a tinha, avaliámos desde logo oportuna e desejável a sua publicação em livro.

Não se trata de dar a conhecer um documento literário de inegável importância — estas cartas foram escritas sem propósito de publicitação, são cartas privadas, não literárias, por vezes até antiliterárias (v. carta VI, onde ele, o subcritor, afirma «ninguém mais do que eu lamenta a expressão literária das minhas cartas») — mas um documento humano, espontâneo, sincero, em estado bruto, que em nada atraiçoa, porém, a exaltação do poeta, a sua firmeza, a sua dissidência, a intransigência da sua aventura, a sua crítica da razão cínica e o que ele sem rodeios exigiu de escaldante à palavra apátrida e nómada da poesia. É o rosto privado do poeta que se desenha pela primeira vez nestas cartas, um rosto altivo e frágil, ansioso, em chamas, trabalhado com as cores forte e quentes do fogo, da luz, da paixão e do amor. Nas cartas antes conhecidas, o que lá encontrávamos era o rosto cáldido, vago e quase apagado do amigo, esse mesmo que *O Libertino*... fixou, e o rosto combativo que conhecíamos ao poeta — nunca o rosto secreto do homem.

Há por isso uma coincidência alarmante mas necessária nesta publicação. O primeiro epistolário completo deste poeta que vem a lume, escancarando-nos uma porta larga para a sua vida íntima, a primeira que se rasga, é em larga medida, no que mais impressiona, a história dum feitiço, o retrato ígneo, a ferver, dum paixão solar e feroz — um amor louco, nupcial, cheio do desejo que há na saudade, um amor capaz de arrebatá-la alma e «mudar o rumo dum vida» como ele diz numa carta do Verão de 1959, com certeza um dos mais escaldantes, explosivos e saudosos de que há memória. Poeta e homem dão assim a mão, no trilho do entusiasmo e da fúria divina, que tanto é da rebelião como do amor — lume e carvão, vermelho e negro, que ele não se cansou

de exaltar e que tanto lhe inspiraram a loucura sublime e a pureza da sua palavra atópica — e atópica porque escrita numa língua sem língua. Quanto menos sistema há numa língua individual, quanto menos lugar nela se reconhece, quanto menos situada, mais expressiva, mais pessoal e mais poética ela se torna.

Foi este poeta que escreveu que o rosto em lava com que amamos não é nosso. Doutra modo dito, o rosto com que amamos, o rosto com que casamos na Terra céu e inferno é um segredo, até para o próprio — um segredo inviolável, que não se diz e não se revela, mas que se manifesta e que é necessário transcrever e ler.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

NOTA FINAL

António José Neves Forte (1931-1988), que se reformou em meados da década de 80 da Fundação Calouste Gulbenkian, e Amélia da Conceição Martins Bento (1928-2020), farmacêutica de profissão, separaram-se em Outubro de 1971. O divórcio foi decretado a 31 de Janeiro de 1976 pelo primeiro juízo do Tribunal de Família de Lisboa, perdendo Amélia o apelido Forte. Entretanto, em 1974, no dia da Revolução dos Cravos, Forte conheceu a pintora Maria Aldina da Costa (1939-2011), com quem veio casar e com quem ficou até morrer em Dezembro de 1988.

IX

[Para Gisela, anexo à carta c]

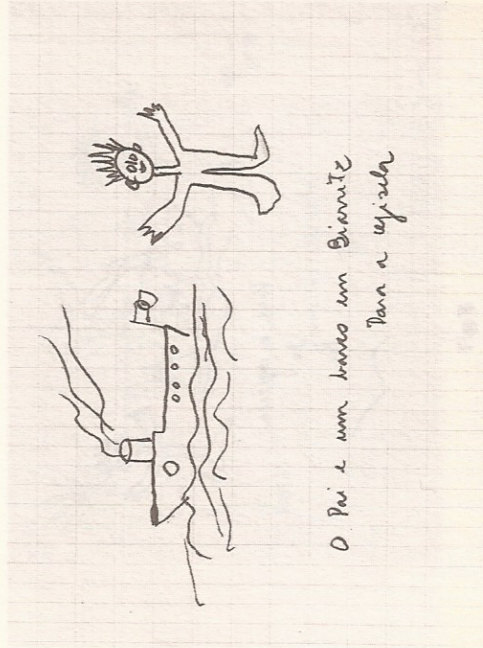


Fig. 8

«O Pai e um barco em Biarritz / Para a Gisela»

TÁBUA DAS MATÉRIAS

PREFÁCIO	
Antônio José Forte e a epistolografia	5
Antônio Cândido Franco	
Critérios de edição	13
CARTAS A AMÉLIA BENTO	17
[1959-1967]	
ANEXO	
Correspondência para Gisela Bento Forte	189
NOTA FINAL	197